

Artes

Oral - Extensão**Humanidades - Artes****BOI DE MAMÃO NA COMUNIDADE: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, HISTÓRIA, ARTE POPULAR E IDENTIDADE CULTURAL****GOULART, L. S., PINHEIRO, L., SILVA, S. M., REDDIG, A. B.***laura_santos_goulart@hotmail.com, leonardonais@hotmail.com, profsila@yahoo.com.br, abr@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: gedest*Palavras-chave: Boi de Mamão, cultura, identidade***Introdução**

O folguedo Boi de Mamão é de extrema importância para a cultura da região de Santa Catarina; Doralécio em seu livro Folclore Catarinense (2006) afirma que o boi de mamão é uma das brincadeiras de maior atração popular de Santa Catarina. Vinda dos Açores como Bumba meu Boi, chegou em Santa Catarina como Boi de Panos, e um dia, na pressa de terminar o boi antes de uma apresentação, utilizaram um mamão verde para fazer a cabeça, e assim, ficando conhecido como Boi de Mamão. Durando muitos anos, o folguedo foi forte na região, com várias apresentações. Assim também ocorreu com o Boi de FUCRI/UNESC, houve um período de grande festa, onde o Boi sempre era apresentado, a comunidade o conhecia e adorava, mas aos poucos, ele foi sendo esquecido. O projeto Boi de Mamão na Comunidade: reflexões sobre memória, história, arte popular e identidade cultural, tem como principal objetivo reviver o Boi da FUCRI/UNESC em parceria com a comunidade, ampliando essa possibilidade para além da UNESC com a parceria com a Escola de Educação Básica Governador Heriberto Hulse na criação de mais um grupo de Boi de Mamão, compreendendo-o na sua dimensão enquanto cultura popular.

Metodologia

Tomando como referência o que diz Arantes (1981, p.26) sobre cultura popular, ou seja: "a cultura popular constitui os diversos núcleos de identidade dos vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo que os diferencia uns dos outros". O folguedo do Boi de Mamão faz parte da cultura de Santa Catarina, e assim, o projeto visa fomentar a dança; momento em que a comunidade vive e relembra sua própria cultura, adquirindo um maior aprendizado sobre sua história. Cada cena, cada personagem, roupas e acessórios, são trazidos da cultura regional de onde o Boi é apresentado. Por isso a encenação

muda dependendo de cada região, cada grupo põe elementos de sua cultura na apresentação.

A encenação fica o tempo inteiro em volta do Boi de Mamão, que junto com os outros personagens, criam um teatro bonito e divertido. Há a necessidade da reciprocidade por parte dos espectadores, o espetáculo interage o tempo inteiro com os adultos e crianças que o assistem. A morte nos lembra os momentos ruins que vivenciamos diariamente, a ressurreição nos diz que estes mesmos momentos podem mudar e se tornar algo melhor; ou então podemos sentir que tudo pode ser diferente e divertido, dançar a ressurreição do Boi é dançar a vida, a alegria de poder fazer novamente.

Resultados e Discussão

Reviver o Boi da FUCRI/UNESC, é relemburar histórias, resgatar as memórias tidas com o folguedo, e a partir daí, construir uma nova lembrança. Assim, com a comunidade acadêmica, a (re)criação do Boi da UNESC e junto a criação de um Boi na Escola de Educação Básica Governador Heriberto Hulse é papel desse projeto de extensão. Confeccionamos um Boi para a escola, juntamente com os alunos (35) das turmas de Artesanato e Teatro, com o intuito de fazê-los conhecer/relemburar a história do Boi no primeiro semestre de 2014, o Boi da FUCRI/UNESC inicia ainda nesse mesmo ano.

Conclusão

Para Laraia (2004, p. 45) "O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecedem". A vivência com a brincadeira do Boi de Mamão oportuniza a ideia de coletividade, há uma troca entre pares, entre gerações diferenciadas provocando conhecimentos sobre processos acumulativo que tem a cultura algo em movimento.

Referências Bibliográficas

SOARES, Doralécio. Folclore Catarinense. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2006.

ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1981.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

Fonte Financiadora

UNESC - Edital Nº 23/2013.

Escola de Educação Básica Governador Heriberto Hulse.

Oral - Pesquisa**Humanidades - Artes****ESFERAS DA COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO CONCEITUAL, A PARTIR DO SUPER-HOMEM NIETZSCHIANO**

AZEREDO, J. L., BATISTA, J.

jeferson@unesc.net, jbcscs@hotmai.com

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: LITTERA

Palavras-chave: Linguagem; Poética; Conceito; Super-homem.

Introdução

Acompanhou-se o tratamento da linguagem e consequentemente do próprio pensamento a sua ligação indissociável, do conceito de poesia grega no decorrer das fases da produção de Nietzsche, dando destaque as obras: “O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo” e “A filosofia na idade trágica dos gregos”. Para tanto, foram investigadas as relações estabelecidas pelo pensamento de Nietzsche entre cultura, linguagem, natureza e homem. Estas leituras deram acesso ao livro

Metodologia

As leituras foram feitas acompanhadas de discussões e fichamentos.

Resultados e Discussão

A tragicidade é uma noção surgida no seio da literatura, como expressão poética de aspectos e sabedorias fundamentais da realidade humana. Tal noção materializava-se na atuação teatral de narrativas (drama) – especialmente nos contextos da filosofia pré-socrática; essa atuação expressaria elementos fundamentais da vida. A tragicidade não pressupõe um eixo definido, um ponto arquimediano, um ser, um fundamento último da realidade, mas lança a totalidade numa dimensão fluida, indeterminável.

Nietzsche estabelece uma ruptura de fronteiras ao eleger um conceito tradicionalmente literário para constituição de sua filosofia. A linguagem sempre foi uma grande preocupação filosófica nietzschiana; assim, pensamento e linguagem, sob um viés trágico, deveriam expressar um todo, não dicotomias.

Os experimentos de Nietzsche com a linguagem, expressam a ruptura com as dicotomias da tradição, seja na forma, seja no conteúdo. Assim falava Zarathustra parece ser o livro, o experimento criativo de Nietzsche que, sob esses pressupostos, pode ajudar a pensar mais claramente os limites entre filosofia e literatura,

consequentemente produzir novos conceitos, ou, quem sabe, problematizá-los radicalmente.

“Assim falava Zarathustra – um livro para todos e para ninguém” é uma obra sui generis se comparada com as outras obras de Nietzsche; não houve outra igual em estilo. É uma obra construída na forma narrativo-poética. Pensando em termos tradicionais, é o livro menos “filosófico” de Nietzsche; Ele nada lembra um tratado filosófico à moda aristotélica ou espinosiana, muito menos pode ser facilmente encarado como uma obra literária; Ou ainda, talvez seja seu livro mais “filosófico”, exatamente por querer fazer filosofia mediante elementos que fugiam da forma tradicional de fazer filosofia, o que o torna também, ainda sob um viés tradicional, o mais literário livro de Nietzsche. Entretanto, percebe-se que as coisas não são tão simples assim e esses adjetivos perdem o definido contorno no seu pensamento.

Zarathustra ergue-se também como uma figura, agora aportada no conjunto de reflexões do Nietzsche maduro, que aponta o super-homem como o que pode criar algo superior a si mesmo, se rebela contra a terra e, especialmente, contra a vida, materializada na dinâmica corporal. Finaliza da seguinte forma: “Não seguirei vosso caminho, desprezadores do corpo! Não sois, para mim, pontes para o além-do-homem!” (NIETZSCHE, 2011, p.36). No parágrafo 4, Zarathustra afirma “Amo aqueles que não buscam primeiramente atrás das estrelas uma razão para declinar e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que um dia a terra venha a ser do além-do-homem” (NIETZSCHE, 2011, p. 16).

O Super-Homem de Nietzsche rejeita tudo e fica apenas com sua própria vontade, sem aceitar nada que o impeça de ser aquilo que ele é.

Conclusão

Criar é construir seu próprio entendimento do mundo, que de fato está sempre mudando.

As pretensões filosóficas de Nietzsche seriam as de romper com as dicotomias cristalizadas pela tradição lógico-moral oriundas do platonismo e do cristianismo para assim afirmar o status trágico, não metafísico-moral, da filosofia, do pensamento. Nasce o super-homem.

Referências Bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich W. Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Hemus. 2011.

Fonte Financiadora

PROPEX - CAPES

Painel - Pesquisa

Humanidades - Artes

A ESTÉTICA DO CORPO NO ESPAÇO ACADEMIA: DISCUSSÃO E REFLEXÃO

BOM, F. C.

costafrancine@hotmail.com

Instituição: UNISUL - UNIVERSIDADE DO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: Linguagem e cultura

Palavras-chave: Arte, Corpo, Estética, Academia

Introdução

Os conceitos do corpo no decorrer dos tempos permearam a admiração, a glorificação, o profano, o corpo controlado, disciplinado até chegar à liberdade de expressar nele a sociedade do consumo. Nessa sociedade o corpo tem recebido um tratamento maquínico na sua essência por meio de transformações no campo da forma física. A acessibilidade para as mutações no corpo físico possibilitam o alcance do homem ao seu plano de corpo ideal, que habita o seu imaginário. O estudo objetiva uma discussão dos conceitos que o corpo assumiu na história da humanidade levando a uma breve reflexão quanto à estética corporal no espaço academia, considerando a possibilidade de nesse espaço haver arte, mesclada as questões culturais na qual o corpo se insere.

Metodologia

O estudo é de natureza básica, de caráter bibliográfico e exploratório, com a finalidade de proporcionar maior familiaridade com a temática da arte no espaço das academias de ginástica, permitindo por meio dos entrelaces teóricos, maior compreensão e reflexão de outras perspectivas sobre o objeto de estudo em questão.

Resultados e Discussão

Baseado o ato de expressar, Villaça e Góes (1998), propõem que o corpo exerce tal ato pela mutação e pela performance. As subjetividades resultantes da percepção desse corpo no espaço são incontáveis, já que tais espaços podem ser também denominados de "máquinas de sentido", e farão com que pessoas inseridas num mesmo espaço expressem sentimentos e comportamentos diferentes.

As academias de ginástica são, portanto, espaços produtores de subjetividades que influenciam na construção estética corporal dos indivíduos, já que os mesmos procuram esses lugares para alcançar o padrão estético desejado.

A cultura body building por mais narcísica que seja na sua essência comunica a necessidade de chegar a um patamar da imagem idealizada a outros corpos, justamente pelo fato de necessitar da aprovação da contemplação do outro que o admira.

A estética, a aparência e o belo estão, portanto, interligadas na obra do artista na relação de dependência, fazendo com que Nunes (1999), por exemplo, defina a vida como um fenômeno estético na qual a aparência prevalece sobre a verdade, sendo a criação da aparência artística uma condição primordial ao sentido da existência humana.

Conforme Villaça e Góes (1998), a arte no corpo da sociedade contemporânea é híbrida e mescla a construção e desconstrução de conceitos questionando a realidade que a cerca.

Conclusão

A estética do corpo físico não se finda apenas nas transformações que nele são realizadas. Cada mudança idealizada pelo homem a respeito do seu corpo sofre influência da sociedade em que ele se insere. É possível pensar a partir desse ponto que simplesmente o homem manifesta seus sentimentos e até mesmo o pensamento sobre determinado assunto por meio do corpo. Se a arte possui a necessidade da expressão e o corpo é um dos veículos, é possível que a construção de um corpo ideal do espaço academia possa ser considerada arte, inclusive pelo fato de que, ao deparar-se com um corpo delineado, totalmente esculpido anatomicamente tal qual a iconoclastia grega, o admirador contempla esse corpo e emite uma opinião sobre uma beleza que é subjetiva. Exatamente como ocorre ao admirar um quando ou um monumento. Nesse sentido o corpo de um fisiculturista, por exemplo, praticante do body building é uma obra de arte que causará os diversos conceitos de belo.

Referências Bibliográficas

BOSSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo: Ática, 1986.

DANTAS, Estélio H.M. Pensando o corpo e o movimento. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

FERREIRA, Francisco R. Algumas considerações acerca da medicina estética. *Ciência & Saúde*, Rio de Janeiro, v.1, n. 15, p. 67-76, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2011.

LOWEN, Alexander. Narcisismo. Negação do Verdadeiro self. São Paulo: Cultrix, 2002.

NOVAES, J.V. Ser mulher, ser feia, ser excluída. Disponível em: . Acesso em: 15 out. 2012.

NUNES, Benedito. Introdução a filosofia da arte. São Paulo: Ática, 1999.

VILLAÇA e GOES, N. F. Em nome do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Oral - Relato de Experiência

Humanidades - Artes

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS: EXPERIÊNCIAS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

HONORATO, A. R. S., FELDHAUS, M.

arh@unesc.net, profmarcelo@unesc.net

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: GEDEST

Palavras-chave: Espaço não formal. Formação de Professores. Arte.

Introdução

Este texto objetiva refletir sobre as possibilidades do estágio supervisionado de professores de Artes fora do espaço escolar. Para isso traz a experiência de um grupo de cinco alunas da oitava fase do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense durante o segundo semestre de 2013, que propôs uma ação educativa em espaço não formal denominada #ARTENARUA. Esta ação problematizou os espaços para a arte na contemporaneidade, os espaços da cidade e o espaço urbano como possibilidade de pensar e fazer arte.

Metodologia

Para este texto escolhemos refletir sobre a proposição de um grupo de cinco acadêmicas que tomam como campo de discussão a arte no espaço urbano. A partir do exercício da observação da realidade, o grupo escolhe como campo de atuação a cidade de Içara/SC. Nesse viés propõem como problematização investigar “o que aconteceria, se tivesse algo diferente, que desse mais cor e vida para essa cidade, que resignificasse o olhar da comunidade para aquilo que é comum e passa despercebido?” (MOTTA, 2013, p.5).

A partir dessa problemática o grupo desenvolveu o projeto #ARTENARUA que consistiu em um circuito de oficinas com a participação do grupo de dança Soul Dance e alguns grafiteiros convidados com o objetivo de “possibilitar a troca de conhecimentos sobre a arte de rua e levar para os frequentadores da praça matriz São Donato de Içara/SC, e demais interessados, momentos de interação e aprendizagem.” (MOTTA, 2013, p.9)

O projeto de estágio ocorreu em dois momentos. O primeiro foi realizado, na Casa da Cultura de Içara/SC, a partir de uma conversa/debate com o grupo Soul Dance e grafiteiros convidados da região. O segundo momento consistiu em um

circuito de oficinas chamado #ARTENARUA, onde juntamente com o grupo Soul Dance e os grafiteiros convidados, foram proporcionados momentos de produção e apreciação artísticas, envolvendo a dança de rua e o grafite, para a comunidade Içarense que circulava na Praça da Juventude, local escolhido para o evento.

Resultados e Discussão

A reflexão que propomos a partir desta experiência aponta para as diferentes possibilidades de atuação do professor de Artes e o compromisso que a universidade tem para com a formação destes profissionais, numa perspectiva da arte como política e como espaço de criação de modos de vida. A arte, por meio da estética, promove maneiras de organizar o sensível, maneiras de dar a ver, dar a entender, maneiras de construir a visibilidade e a inteligibilidade dos acontecimentos. Para Ranciére (2010) a arte é política pela maneira como constrói tempos e espaços sensoriais determinando maneiras do estar junto ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de. Os espaços criados pelo grupo de acadêmicas, por meio da arte da dança e do grafitti, tornaram-se, para a comunidade, um espaço de inquietações que mobilizam o pensamento e as ações de homens e mulheres promovendo modos de vida.

Conclusão

Foi possível perceber nesta experiência de ensino e extensão, que avançou para a rua, que integrou a comunidade, que promoveu nas acadêmicas, licenciandas em Artes Visuais, um movimento para fora da escola e para fora delas mesmas, que são muitas as oportunidades que os professores de Artes em formação têm para redescobrirem suas próprias comunidades e que há também diferentes possibilidades de atuação para além dos espaços formais de educação. É papel da universidade provocar o olhar para o entorno com curiosidade crítica e reflexiva, e também formar pessoas comprometidas com

práticas educativas que sejam concebidas sob uma perspectiva política. Perspectiva esta que possibilite a partilha de um sensível.

Referências Bibliográficas

GUARNIERI, M.R. Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência. Campinas: Autores Associados, 2000.

JACOBUCCI, Daniela F. C. CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DA CULTURA CIENTÍFICA. em Extensão, Uberlândia, v. 7, n. 1, p.54-66, jan. 2008.

MOTTA, Anetais C. et al. Relatório Estágio VI: #ARTENARUA. Criciúma: UNESC, 2013. 36 p.

RANCIÉRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34, 2005.

STRICKLAND, Carol. Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Duetto, 1999.

Oral - Extensão**Humanidades - Artes****EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EXTENSÃO NO CRAS: RESSIGNIFICANDO OS SÍMBOLOS NACIONAIS****CARDOSO, J. M., HONORATO, A. R. S., BAUMER, É. R.***joice_mcardoso@hotmail.com, arh@unesc.net, edinabaumer@gmail.com***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO***Palavras-chave: educação estética, extensão universitária, arte***Introdução**

Segundo os PCN (1998, p. 7), a escola, ao desenhar e redesenhar seu currículo de acordo com o seu contexto social possibilita ao aluno “perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente”. Nessa direção, o projeto de extensão nasce dentro do curso de Artes Visuais, a partir da observação sobre a necessidade dos CRAS da cidade de Criciúma, no que diz respeito ao trabalho com a arte em seus espaços, precisamente em seus Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de 06 a 15 anos.

Embora os Serviços de Convivência não tenham como objetivo a escolaridade das crianças e jovens, eles atuam por meio de atividades educativas que concorrem para os processos de formação, assim, oportunizam o exercício de novas formas de pensar e refletir sobre as diversas dimensões da vida cotidiana, o que pode ser uma conquista fundamental para as pessoas.

Metodologia

Os objetivos do projeto foram realizar oficinas de arte no CRAS buscando desenvolver questões essenciais na construção da cidadania, por meio da criatividade, da iniciativa e da tomada de posição, participando das vivências, valorizando as diversas manifestações culturais e reconhecendo a arte como expressão cultural. A atividade foi realizada em setembro de 2013, no CRAS Tereza Cristina, em comemoração à Semana da Pátria. O nome dado ao processo de criação foi “Reinventando os símbolos nacionais”, onde através de várias linguagens artísticas, como poesia, desenho, pintura e colagem, buscamos interpretar e ressignificar dois de nossos maiores símbolos nacionais: a bandeira e o hino nacional. Foi distribuído aleatoriamente para cada um dos participantes, trechos do hino nacional que retiraram de um recipiente

previamente preparado para a dinâmica; cada um pegou uma parte diferente da letra da música. Em seguida foi solicitado que eles elaborassem um poema sobre o Brasil, inspirados no trecho que receberam, pois “é fundamental trazer poesia para o ambiente educativo, dando sabor ao saber [...]” (OSTETTO,2007,p 40). Após foi solicitado que, movidos pela sua escrita e usando como suporte o papel pardo, realizassem um painel coletivo, reinventando uma bandeira para o Brasil, com liberdade para escolher cores diferentes das oficiais, colocando ou tirando elementos que ela possui e recriando-a como eles gostariam que ela fosse. Para isso utilizamos lápis de escrever, tinta guache, cola e régua.

Resultados e Discussão

Ao serem desafiadas a escrever, as crianças e adolescentes demonstraram resistência, mas as que se propuseram atribuíram um significado para o tema proposto. Os adolescentes que evitaram escrever, mostraram que a poesia está presente nos pequenos gestos, como quando perguntaram se poderiam substituir os dizeres “Ordem e Progresso” da bandeira por “União e Ideias”, que foi realmente a motivação daquela tarde. Dessa forma, “falar de poesia é falar de tudo quanto é inteiro, intenso, cheio de vida. Poesia é vida pulsando fazendo-se cores, formas, sons, movimentos ” (OSTETTO,2007,p 40). O resultado foi uma boa quantidade de bandeiras com cores e formas totalmente diferentes da original e mostrou também que ao falar sobre os símbolos que nos representam, as crianças e os adolescentes os relacionam diretamente com esporte, principalmente o futebol.

Conclusão

Constatamos que é importante propor a infância e a juventude o sentimento de pertencimento da construção da nossa identidade, como pátria e nação, assim como é necessário o respeito e o amor aos símbolos nacionais por meio da ressignificação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1998.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Entre prosa e poesia: fazeres, saberes e conhecimento na educação infantil. In : PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte (Org). Linguagens da arte na infância. Joinville : Ed. da UNIVILLE, 2007.

Fonte Financiadora

PROPEX UNESC.

Oral - Relato de Experiência

Humanidades - Artes

ESCULTURA SONORA: UMA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO NA INTERDISCIPLINARIDADE

BAUMER, E. R., CALDERAN, O. A.

edinabaumer@gmail.com, odete@unesc.net

Instituição: UESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Laboratório / Grupo de Pesquisa: gedest

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Escultura Sonora. Criação. Relação com os objetos.

Introdução

A interdisciplinaridade é um termo que vem sendo discutido no meio educacional, em todos os níveis da educação, inclusive dentro da universidade, provocando estudos teóricos e novas maneiras de pensar o processo de ensino e aprendizagem. Com essa motivação, desenvolvemos o projeto Escultura Sonora, a fim de relacionar conteúdos das disciplinas de Escultura e Pesquisa e Linguagem Musical e Educação, da quinta fase do Curso de Artes Visuais – licenciatura da UNESC. Ambas as disciplinas já vinham propondo a pesquisa e a criação com novos materiais, entre eles elementos da natureza ou reutilizáveis produzidos na cultura. A proposição surgiu no início do primeiro semestre de 2014 e trouxe resultados válidos antes mesmo do fim do período letivo.

Metodologia

A disciplina de Linguagem Musical e Educação traz em seu Plano de Ensino uma proposta de produção sonora que deve ser elaborada a partir das primeiras reflexões sobre o ouvir e o escutar. Com o objetivo de escutar os sons que os rodeiam, os acadêmicos organizados em grupos saíram da sala de aula para registrar e relatar a experiência. Depois de perceber o infinito universo sonoro ao nosso alcance, os acadêmicos trouxeram objetos do seu cotidiano para iniciar a produção. Enquanto isso, na disciplina de Escultura e Pesquisa a partir das coletas de sons e de objetos, os acadêmicos passaram a investigar como incorporá-los dando-lhes novas formas, ou até mesmo fazendo arranjos no chão como escultura sonora. Estratégias possíveis ao se inscrever no campo ampliado da escultura, que abrange a multiplicidade de trocas realizadas entre os diversos meios sensíveis de produção e apresentação a partir do acesso às linguagens e materiais. A linguagem do tridimensional encontra vários encaminhamentos nesse contexto, das apropriações de Marcel Duchamp (1887-1968),

contestadoras de saberes institucionalizados, das questões propriamente da escultura no campo expandido (abordadas por KRAUSS, 2006) às criações coletivas suscitadas pela arte relacional (BOURRIAUD, 2008).

Resultados e Discussão

Como ambas as disciplinas já vinham propondo a pesquisa e a criação com novos materiais, entre eles elementos da natureza ou reutilizáveis, o grande desafio apresentado foi certamente desmaterializar o entendimento tradicional de ouvir o som, passando a escutá-lo, e ao mesmo tempo reinventá-lo em ações em grupo a partir de objetos transformados em escultura. Inicialmente os grupos tiveram dois minutos para interagir com os objetos produzindo sons previamente ensaiados, em ambiente escuro, cortinas fechando o palco e platéia em silêncio. Ao repetirem a execução, as cortinas se abriram e a platéia visualizou a Escultura sonora. Em seu aspecto final, ajuda a completar uma associação de correspondência formal com a categoria de instrumentos musicais, mas que nesta proposta evidencia a criação e a pesquisa em grupo.

Conclusão

A proposta efetivou uma prática onde os acadêmicos criaram possibilidades e vivenciaram experiências, no sentido fundamental do termo, que para Larrosa (2002, p. 21) “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Em consonância com o atual contexto de se pensar propostas incentivando o ensino aprendizagem, Escultura sonora: uma experiência de criação na interdisciplinaridade, motivou os acadêmicos a interligarem conhecimentos adquiridos entre as disciplinas que a princípio pareciam distantes mas que ao longo do semestre possibilitaram o fortalecimento de relações possíveis entre música e escultura, sons e objetos, criação e pesquisa. E a troca de conhecimentos e de saberes se deu em interações dentro e fora da sala de aula.

Referências Bibliográficas

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista brasileira de educação, 2002, Nº 19.

QUEIROZ, Gregório J. Pereira de. A música compõe o homem, o homem compõe a música. São Paulo: Cultrix, 2000.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2009.

Fonte Financiadora

UNESC

Painel - Extensão

Humanidades - Artes

RELATO DE EXPERIÊNCIA PROCESSO DE MONTAGEM EXPOSIÇÃO: A HORA DA BOLA

KUBASKI, G., MEDEIROS, A. F., BAUMER, E. R.

gabikubaskii@hotmail.com, 4linefm@gmail.com, edinabaumer@gmail.com

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: MUSEU DA INFÂNCIA

Palavras-chave: Museu, infância, brincadeiras, bola, exposição

Introdução

O Museu da Infância é um espaço que preserva, pesquisa e divulga o acervo composto de objetos feitos para a infância, da infância e sobre a infância visando contribuir para a ampliação do repertório histórico artístico-cultural de crianças, jovens e adultos. É composto por quatro núcleos expositivos chamados “O brinquedo e a rua”, “Infância e paz”, “Culturas infantis na Ibero América” e “Infância na arte” que são expostos publicamente em espaços distintos na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Metodologia

Partindo de experiências nas mediações de outras exposições, o Museu da Infância pensou uma nova temática no final do primeiro semestre e por estarmos em clima de copa do mundo, nos direcionamos a esse acontecimento, mas não de forma direta e exclusiva acerca do futebol e sim usando como tema a bola e seus diversos usos em diversas situações. Surgiu então o título da exposição: A hora da bola – que distribui-se em três dos quatro núcleos do museu.

Começamos pesquisando em nosso acervo, brinquedos e brincadeiras que utilizam bolas ou que se assemelham a ela caracterizando-se como variações de bolas: bilboquê, ioiô, pião entre outros. Buscamos doações de bolas usadas no curso de Educação Física- UNESC e esses materiais foram expostos no núcleo “O brinquedo e a rua”, dando destaque à vitrine de vidro que ficou com bolas de diversos esportes suspensas por fio de nylon.

No núcleo “Culturas Infantis na Ibero América” após pesquisa de brincadeiras que utilizam bolas nesses espaços geográficos, foi produzida uma ilustração do mapa com a descrição de três brincadeiras e desenhos referentes a elas. Na vitrine ao lado foi colocada uma miniatura de globo com bolas diversificadas ao redor dele. Outra vitrine foi totalmente revestida por papel

contact amarelo deixando apenas alguns recortes em círculos, de onde podem ser observadas peças de cerâmicas que representam crianças brincando. A essa vitrine intitulamos ‘a caixa surpresa’.

No núcleo “Infância e Paz” usando também o papel contact unimos as vitrines e as transformamos em um trem, algo que está presente na história da cidade de Criciúma e faz parte da infância de muitas crianças. Nos vagões foram colocadas bolas produzidas em oficinas do Museu da Infância realizada com crianças, alunos do Colégio UNESC, EMEIEF Filho do Mineiro, CRAS Renascer e outros visitantes. Elas são de materiais diversificados: lã, papel e massinha.

Resultados e Discussão

A abertura da exposição ocorreu no dia 30 de junho e ficou aberta para visita até dia 31 de agosto de 2014. Recebemos escolas de Criciúma e região e pessoas de diversas idades que ao conhecerem o Museu da Infância puderam lembrar brinquedos e brincadeiras com bola. Nas oficinas realizadas com crianças desenvolvemos brincadeiras que atualmente não são utilizadas como: stop, alerta, ‘abc’, entre outras contribuindo assim para que “o museu torne a cultura material por ele conservada amplamente conhecida e também deixe acessível o maior número de informações sobre esses objetos”. (BARBOSA, 2009, p. 9) Houve repercussão na mídia local que registrou e divulgou o trabalho educativo do Museu da Infância, valorizando as ações de mediação cultural junto às crianças, jovens e adultos que pela universidade transitam diariamente.

Conclusão

Com essa exposição concluímos que o Museu da Infância cumpre a sua missão preservando, pesquisando e divulgando objetos que fazem parte do passado da comunidade ou que são utilizados no tempo presente e no futuro poderão

ser lembrados como brinquedos e brincadeiras de infância(s).

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Maria Helena Rosa. CONCEITOS E PRECONCEITOS QUE PERMEIAM OS ESPAÇOS MUSEAIS DA ARTE. Florianópolis: Udesc, 2009.

INFÂNCIA, Museu da. Museu da Infância. Disponível em: . Acesso em: 20 ago. 2014.

Fonte Financiadora

PROPEX - UNESC.

Oral - Pesquisa**Humanidades - Artes****TEXTO E CRÍTICA: UM OLHAR DISCURSIVO À PARTIR DE NIETZSCHE****AZEREDO, J. L., RODRIGUES, M. H. D.***jeferson@unesc.net, mhelrodrigues@hotmail.com***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: LITTERA*Palavras-chave: Texto; Crítica; Análise do discurso; Nietzsche***Introdução**

Discutimos neste projeto a respeito do (não) ensino da compreensão de textos visuais no ambiente escolar, em qualquer disciplina, à partir de fundamentações filosóficas do filósofo Nietzsche. Como o foco de estudo é a relação da linguagem verbal e da não-verbal, a Análise do Discurso dará o embasamento teórico para a discussão, com referências a um filósofo, que normalmente não é relacionado à Análise do Discurso: Nietzsche. Torna-se importante a discussão por refletir a respeito das práticas de sala de aula que se relacionam a compreensão textual a partir da seguinte problemática: De que forma a linguagem visual poderá subsidiar as práticas pedagógicas visando à formação da compreensão competente?

Metodologia

Leitura de textos da Análise do discurso e de Nietzsche, bem como literatura secundária à análise.

Resultados e Discussão

Propõem-se um novo direcionamento nas salas de aula; um professor que minimize o discurso autoritário e priorize o discurso polêmico. Essa interação também verbal pode ser estimulada por meio de diferentes gêneros discursivos, formais ou informais. Bakhtin, ao expor a respeito da aquisição e domínio dos gêneros discursivos por parte dos sujeitos, ressalta que “[...] as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do

discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”. (1992, p. 302)

Compreende-se que o discurso relaciona-se ao processo de produção e também de recepção e, para compreendê-lo de forma menos equivocada, é preciso considerar: o sujeito, contexto de produção do discurso, o contexto sócio-histórico e a memória discursiva. Em outras palavras, a Análise do Discurso, de acordo com Orlandi (2001), considera que a linguagem não é transparente e, assim, não busca por sentidos prévios, mas procura observar como o texto funciona. Dessa forma, a leitura/compreensão passa a ser vista como construção e não mais como simples decodificação. Neste sentido Nietzsche também estabelece uma ruptura de fronteiras à construção do conhecimento, em que, em toda palavra, os opostos se fundem, a cada instante, em novas configurações, “As mais baixas e as mais elevadas forças da natureza humana, o mais doce, o mais terrível flui de uma nascente com certeza perene. (...) A mais poderosa energia para o símbolo até aqui existente é pobre brincadeira, frente ao retorno da linguagem à natureza da imagem. (NIETZSCHE, 2011a, § 6). As afirmações de Nietzsche são diversificadas e cambiantes, mudando e estabilizando-se provisoriamente em cada situação são, afinal, constitutivas de uma linguagem que se descreve como sendo aquela em que

Conclusão

Prioriza-se a mudança das práticas escolares à partir de um ensino humanizado, da troca de saberes e reflexões, a questionar, a refletir e a duvidar daquilo que é recebido como verdadeiro não é tarefa simples, mas se planejada e teorizada auxiliará na formação da compreensão crítica. Faz-se então, aqui, a relação entre Análise do Discurso e arte estética, busca-se os implícitos, os subentendidos, os não-ditos presentes no discurso, perscruta o silêncio, e por

meio da arte, pode-se buscar por essa não-transparência; O novo.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich W. Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Hemus. 2011.

_____. Ecce homo: como alguém que se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b. 141p.

Fonte Financiadora

Propex

Oral - Extensão

Humanidades - Artes

BRINCANDO COM O MUSEU

BAUMER, E. R., FERNANDES, E. V., PEREIRA, J. O., EUFRASIO, J. N.

edinabaumer@gmail.com, esv@unesc.net, jhenioliveira@hotmail.com, jalineassis@gmail.com

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: CURSO DE ARTES VISUAIS

Palavras-chave: museu da infância, crianças, brinquedos, brincadeiras

Introdução

O Museu da Infância da UNESC é um espaço que desde 2005 preserva, promove e divulga objetos feitos para crianças, a produção das crianças e também o que é produzido sobre a infância. Tem como objetivo contribuir para a ampliação do repertório artístico-cultural de crianças e adultos, oportunizar a reformulação dos processos de formação de professores e participar dos projetos de ação pedagógica das escolas e demais instâncias culturais. Está organizado em cinco núcleos que apresenta exposições temporárias acerca de um determinado tema: O Brinquedo e a Rua; Infância e Paz; Culturas Infantis na Ibero-América; Infância na Arte e Infância e Culturas Escolares. Tornar-se mais abrangente em sua atuação e alcance, tem sido uma das metas do Museu da Infância, como uma forma de aproximar-se ainda mais da comunidade em geral e nesse sentido, ao final do ano de 2013 construímos uma proposta de extensão universitária que pudesse viabilizar a existência um Núcleo Itinerante, como uma continuidade da proposta do Museu na universidade¹.

Metodologia

Quanto ao público alvo, optamos por realizar visitas e ações educativas em escolas municipais da cidade de Criciúma e apresentar o Museu às crianças do Ensino Fundamental - séries iniciais. Buscamos dessa forma, promover uma aproximação de via dupla, ou seja, levar o Museu à escola e trazer a escola ao Museu da Infância, provocando a conscientização de que o Museu é uma instituição que pertence à comunidade. No primeiro semestre deste ano interagimos com cerca de 70 crianças em duas escolas e no segundo semestre já envolvemos mais uma escola, com alunos do primeiro ao quinto ano, cerca de 100 crianças reunidas em três grupos. Iniciamos a atuação conversando com a direção da escola e depois com as crianças e professoras em suas salas de aula. No momento seguinte, levamos cada grupo para o pátio da escola organizando a fila na forma de um trem e

produzindo seu som característico; depois apresentamos o Museu por meio o brinquedo: Boliche do Museu da Infância – um brinquedo criado pelas bolsistas de ação educativa, que possibilita uma reflexão sobre ‘o que tem’ dentro de um museu e preparando-os para receber a vitrine na semana seguinte.

Resultados e Discussão

A universidade nos deu o apoio para o transporte da vitrine e os objetos a serem expostos e após as primeiras turmas passarem pela mediação, essa vitrine permaneceu na escola durante uma semana para que as demais turmas e professoras pudessem visitar e conhecer esse núcleo do Museu da Infância da UNESC. A mediação tratava de cada objeto – pula corda, trem elétrico, livro brinquedos e brincadeiras, PE de lata, e pega vareta entre outros – sempre instigando a participação das crianças no que se refere a falar, perguntar, comentar, enfim, sobre o que estava ali. Em cada escola trabalhamos sobre um tema diferente e envolvendo a ludicidade e conforme a escola havia sugerido, relacionamos esses brinquedos com a vida na cidade de Criciúma, logo o trem elétrico foi o que mais chamou atenção das crianças. O personagem escolhido para fazer a mediação nesta escola foi um típico torcedor do Criciúma Esporte Clube, torcedor do Tigre. Como no dia anterior o time tinha perdido uma partida, esse era o assunto principal. Ao final da mediação falamos da importância da doação de objetos para a composição do acervo e incentivamos as crianças a doarem também. Finalizando a atuação, os grupos vieram até a universidade, conheceram os núcleos do Museu da Infância que traziam a exposição ‘A hora da bola’ e após a mediação as bolsistas propuseram brincadeiras com bola e uma oficina de criação de bolinhas.

Conclusão

Como nas outras escolas, as crianças nos surpreenderam com as respostas sobre o que acharam do museu; ao contrário do que era discutido nas salas de aula da graduação

observamos que as crianças gostam dos brinquedos antigos, elas acham diferente e ficam curiosas por suas histórias; observamos também que a maneira como foram realizadas as ações junto às crianças – brincando, imaginando, criando e levando um personagem – foi o grande diferencial, fazendo com que a proposta se tornasse mais interessante e a visita à universidade fosse mais esperada e intensamente vivenciada.

Referências Bibliográficas

1- PROJETO DE EXTENSÃO

Fonte Financiadora

PROPEX - UNESC

Oral - Pesquisa**Humanidades - Artes****OS CONTEÚDOS DE ARTE E SUA PROCEDÊNCIA****LUIZ, R. P., SILVA, S. M.***roperuc@gmail.com, profsila@yahoo.com.br***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: ARTE NA ESCOLA*Palavras-chave: conteúdos, arte, formação de professor***Introdução**

Vivenciar uma história de conquistas de professores de artes que comungam com a história do ensino da arte, é o que o Projeto Arte na Escola – Polo Unesc vem promovendo. O presente texto vem relatar ações que incentivam as pesquisas relacionadas à arte e a educação em arte, com o objetivo de melhor qualificar os conteúdos de artes nas escolas. Questões como: Quais os conteúdos de artes a serem desenvolvidos nas aulas em diferentes níveis de ensino? Vem nos provocando. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) estabeleceu em seu artigo 26, parágrafo 2º que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Nesse contexto nossa pergunta é latente. Quais as fontes utilizadas pelos professores na seleção dos conteúdos de Arte para suas aulas e as possíveis relações dessas escolhas com as ações de formação do Polo? Somamos a essa questão, os debates sobre as tendências atuais na formação do professor de artes a partir do que defende António Nóvoa. Para o autor (2009, p. 32) “A formação de professores deve assumir uma forte componente prático, centrada na aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos, tendo como referência o trabalho escolar”.

Metodologia

A pesquisa teve início a partir do estudo dos documentos norteadores da educação em artes, levantamento bibliográfico, seleção de textos e envio de um questionário aplicado aos professores com cinco questões relacionadas ao tema pesquisado. Na primeira coleta de dados realizada em 2011/12, 10 professores responderam e mais 2 em 2014. Retomamos, assim, o resultado da pesquisa, ampliando para um diálogo a partir de Nóvoa na perspectiva de pensar as tendências atuais na formação dos professores e os relatos de experiências dos professores nos encontros do Polo.

Resultados e Discussão

Os professores ligam a seleção de seus conteúdos de artes aos encontros do Polo. Na retomada foi confirmado que, além disso, utilizam os materiais ali socializados. Nos relatos de experiência algo novo apareceu quando uma professora afirma: “eu não uso os conteúdos trabalhados aqui, mas renovo as minhas ideias e o olhar sobre o que eu já conhecia”.

Conclusão

A pesquisa ampliou a compreensão sobre a relação do Polo com os professores de artes no sentido de atender ao objetivo de melhorar cada vez mais o ensino das artes nas escolas. Apesar do número reduzido de respostas, entendemos que o professor de artes pode ter dificuldade de se expor, ou ainda não se sentiu a vontade para participar da pesquisa, embora na fala, muitas vezes, não se mostrem resistentes. Quando a professora comenta que os encontros renovam seu olhar se refere ao modo como trabalha os conteúdos no sentido de se sentir motivada para ensinar e aprender arte, o que para Nóvoa: “[...] é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseadas numa investigação que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar” (2009, p. 19).

Referências Bibliográficas

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1993.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. Disponível em: Acesso em: 20 de junho de 2014.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Educa Lisboa, 2009. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/mzylb/antonio-novoa-novo-livro>> Acesso em: 10 de março de 2014.

Fonte Financiadora

Edital 002/11. Instituto Arte na Escola

Oral - Relato de Experiência

Humanidades - Artes

CRIATIVIDADE EM EXPOSIÇÃO: ESCULTURA NA CABEÇA E REGISTRO FOTOGRÁFICO

CALDERAN, O. A.

odete@unesc.net

Instituição: UESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: gedest

Palavras-chave: Processo criativo. Escultura/Corpo. Registro fotográfico. Exposição.

Introdução

Os rostos desaparecem, aderem, transformam-se, o presente texto relata esta experiência – Escultura na Cabeça e Registro Fotográfico – realizada com os acadêmicos da 2ª fase Bacharelado e 5ª fase Licenciatura na disciplina de Escultura e Pesquisa do Curso de Artes Visuais – Unesc, no primeiro semestre de 2014. Trata-se de refletir e problematizar o corpo como suporte, com base em uma poética da “representabilidade” (Didi-Huberman) e de lugares possíveis de criação. É certo que o processo de criação da imagem pessoal é um fenômeno presente na cultura humana desde tempos remotos: sua origem está marcada ainda na Pré-História com o surgimento da pintura. Segundo Plínio (apud DUBOIS, 1993), a pintura nasceu com a delimitação do contorno da sombra humana quando a filha de um oleiro de Sicione, Dibutades, enamorada de um rapaz que precisava partir, projetava na parede de uma caverna a sombra do jovem. Na história da arte, o corpo sempre foi utilizado pelos artistas como suporte ou mesmo como obra de arte em potencial. De fato, nesse incessante processo de reinvenção do corpo como objeto de arte, a identidade é disseminada em formas que perdem a sua estabilidade, onde os rostos podem tornar-se mutantes, podem ser rostos, mas também podem ser legumes, frutas, paisagens, corpo. Coloca-se em evidência a visualidade, juntamente a alteridade da identidade.

Metodologia

Para idealização desta proposta investiguei com os acadêmicos a livre expressão, o conceito e a técnica para a linguagem do tridimensional. Em aula expositiva e dialogada apresentei artistas e suas produções que potencializam experimentações abrangendo a tridimensionalidade utilizando seus corpos como suporte e em muitos casos fazendo uso do registro fotográfico. A seguir passamos a dinâmica em torno do processo criativo individual

e também do uso de materiais diversos como: natureza, utilitários domésticos, descartados pela indústria (sucatas) entre outros. Após a escolha dos materiais e da montagem do suporte/corpo foram realizados cinquenta e quatro (54) registros fotográficos equivalentes a duas turmas (Bacharelado e Licenciatura). Para a impressão destas fotografias optou-se pela laminação rígida (polaseal), 21 cm a 29 cm/cada.

Resultados e Discussão

Esta reflexão se inicia concretizando a criatividade, a autonomia a interação dos acadêmicos nas discussões geradas no processo e no entorno da exposição que aconteceu no Espaço do Olhar, no Hall da Biblioteca da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), no dia 9 de junho de 2014. A exposição oportunizou a percepção dos acadêmicos como autores e artistas da produção, como o contexto gerado em sua apreciação pela comunidade acadêmica (interna) e externa. Em muitos relatos (orais e escritos) reconhecendo-os, em outros nem tanto pelas transformações, causando também estranhamento, e conexões de afeto contribuindo para a aproximação da arte e público.

Conclusão

Apostar na possibilidade da exposição deu maior visibilidade à proposta como também contribuiu para estreitar a conexão entre a comunidade acadêmica (interna) e externa que participou da apreciação gerando troca de experiências. Além de ter auxiliado diretamente na formação dos acadêmicos tange o desafio constante de estreitar a relação universidade e comunidade. Problematizar certas ações/atividades semestrais favorece com que o acadêmico se envolva muito nas reflexões e fique motivado para participar das novas experiências de ensino.

Referências Bibliográficas

DIDI-HUBERMAN. L'empreinte. Tradução de Patrícia Franca. Paris: [s. n.], 1997. p. 97-98/ 117.

Catálogo de Exposição do Centro Georges Pompidou.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico. São Paulo: Papyrus, 1993, p.117.

KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2009.

Exposição. Disponível em: .

Exposição. Disponível em: .

Fonte Financiadora

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL
CATARINENSE- UNESC

Oral - Extensão**Humanidades - Artes****II COLETIVA DE ARTISTAS DO SUL****REDDIG., A. B., VIEIRA, L. P., PICOLO, A. C. S.***abr@unesc.net, leticia_p_vieira@hotmail.com, anaclara@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE****Laboratório / Grupo de Pesquisa: Setor arte e cultura***Palavras-chave: Exposição Coletiva, Arte, Cidade***Introdução**

O Espaço Cultural Unesc "Toque de Arte", viabilizado pelo Setor Arte e Cultura da UNESC/PROPEX tem como objetivo estimular a produção e a difusão das artes, possibilitando o intercâmbio de conhecimentos entre a Universidade e a comunidade. Partindo desta proposição, o Espaço abrigou de 12 de agosto a 12 de setembro de 2014 a "II Coletiva de Artistas do Sul". A coletiva teve como tema: Arte e Cidade e objetivou reunir a produção artística local/regional evidenciando a arte, os artistas e aspectos culturais referentes ao cotidiano urbano.

Metodologia

Para idealização da proposta, o Setor Arte e Cultura elaborou um projeto e o inscreveu no Edital 004/2013 Cultura Criciúma, que regulamenta a concessão de recursos financeiros destinados a incentivar atividades culturais na cidade de Criciúma/SC, de acordo com o que determina a Lei 6.158, de 24/09/2012. Com a aprovação do projeto iniciamos o desenvolvimento das metas previstas no mesmo. O primeiro passo foi a elaboração do edital e ficha de inscrição onde os artistas pudessem inscrever suas propostas. Em seguida, as propostas passaram por uma curadoria, formada pelos professores da Unesc Amalhe Baesso Reddig e Marcelo Feldhaus. Ao todo foram recebidas 26 inscrições sendo que foram selecionados 22 (vinte e dois) trabalhos, contemplando as categorias: pintura, instalação, fotografia, escultura, gravura e desenho.

Resultados e Discussão

Em resultado do projeto, aconteceu, no dia 12 de agosto de 2014, às 20h30, a abertura da exposição "II Coletiva de Artistas do Sul". O evento contou com a presença dos artistas selecionados, vindos dos municípios de Criciúma, Nova Veneza, Cocal do Sul, Orleans, Urussanga, Siderópolis e Lauro Müller. Na oportunidade, os

artistas puderam explicar sobre seus trabalhos em uma grande conversa com o público presente. De acordo com o livro de registro, 650 pessoas visitaram a exposição, entre 12 de agosto e 12 de setembro de 2014, e puderam apreciar e conhecer mais sobre a produção artística de artistas das regiões da AMUREL, AMREC e AMESC. Pensando na continuidade deste projeto, um fotógrafo foi contratado para realizar o registro das obras expostas, visando futura edição e publicação do Catálogo da II Coletiva de Artistas do Sul, contendo imagens e dados sobre cada produção, assim como, informações sobre a Coletiva de Artistas. Esse catálogo, assim como o da I Coletiva de Artistas do Sul, busca exercer a função de material didático a ser distribuído e utilizado nas escolas, a fim de contribuir com a educação, em especial com o ensino da arte e as possibilidades que o espaço urbano permite.

Conclusão

Chega-se a conclusão de que a "II Coletiva de Artistas do Sul" foi um trabalho realizado em equipe e alcançou os objetivos propostos. Por meio deste projeto foi possível reunir a produção artística local/regional evidenciando a arte, os artistas e a cidade. Mais que ampliar repertório, a arte nos leva a entender/conhecer o mundo, interpretado pela sensibilidade dos artistas. A comunidade pode vivenciar arte dentro do campus universitário, bem como, ampliar repertórios artístico-culturais resgatando história e memória. Acredita-se que esse projeto, com sua proposta, de contribuir no processo de produção artística da região sul de Santa Catarina, deva ter continuidade.

Fonte Financiadora

Fundação Cultural de Criciúma
Fundo Municipal de Cultura de Criciúma
Prefeitura Municipal de Criciúma
UNESC/PROPEX/Setor Arte e Cultura

Oral - Extensão**Humanidades - Artes****ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DA UNESC: REGISTRO, CATALOGAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO****REDDIG., A. B., RAUPP, F. S., VIEIRA, L. P.***abr@unesc.net, franquillin.pp@gmail.com, leticia_p_vieira@hotmail.com***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: setor arte e cultura*Palavras-chave: Acervo; Inventário; Arte; Salva guarda***Introdução**

A Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, ao longo de seus 45 anos reuniu um acervo artístico composto por 112 peças, entre elas, pinturas, esculturas, tapeçarias, fotografias, gravuras. A formação deste acervo deu-se por aquisições (doação ou compra) e é composta por obras de artistas locais, regionais e nacionais. Pensando na relevância da arte na vida das pessoas e nas possibilidades de socialização do acervo, o Setor Arte e Cultura da UNESC realizou o inventário destas obras de arte que estão dispostas em diferentes salas administrativas da instituição universitária.

Metodologia

Inventariar o acervo artístico da UNESC foi o primeiro passo para adequar a proposta de salvaguardar a memória das obras e dos artistas. O processo envolveu diversas técnicas de registrar e catalogar as informações referentes ao acervo da instituição. Foi realizado o levantamento / recolha de material pertencente a UNESC e pré-definidas para compor o acervo. As obras foram fotografadas, e as imagens armazenadas num banco de dados. Todas as peças artísticas foram medidas e suas inscrições transcritas para as fichas de catalogação e numeradas com sistema de classificação definitivo e ascendente. Nesta ficha de identificação estão contidos elementos como o número de ordem; a numeração alfa numérica, que corresponde à sigla da instituição, seguido da informação referente a tipologia da coleção e respectivos materiais. As fichas de inventário e sua identificação seguiram especificações da publicação Thesaurus para Acervos Museológicos, com a nomenclatura apropriada para este tipo de documentação. Também consta nesta ficha, a estrutura física do objeto, como suas dimensões, procedência, modo de aquisição desse acervo, bem como sua contextualização histórica.

Resultados e Discussão

Inventariar o acervo artístico da UNESC foi o primeiro passo para adequar a proposta de salvaguardar a memória das obras e dos artistas. O processo envolveu diversas técnicas de registrar e catalogar as informações referentes ao acervo da instituição. Foi realizado o levantamento / recolha de material pertencente a UNESC e pré-definidas para compor o acervo. As obras foram fotografadas, e as imagens armazenadas num banco de dados. Todas as peças artísticas foram medidas e suas inscrições transcritas para as fichas de catalogação e numeradas com sistema de classificação definitivo e ascendente. Nesta ficha de identificação estão contidos elementos como o número de ordem; a numeração alfa numérica, que corresponde à sigla da instituição, seguido da informação referente a tipologia da coleção e respectivos materiais. As fichas de inventário e sua identificação seguiram especificações da publicação Thesaurus para Acervos Museológicos, com a nomenclatura apropriada para este tipo de documentação. Também consta nesta ficha, a estrutura física do objeto, como suas dimensões, procedência, modo de aquisição desse acervo, bem como sua contextualização histórica.

Conclusão

Por meio deste projeto foi possível organizar o acervo universitário a fim de aperfeiçoar a capacidade de informações e memórias que esses bens culturais possuem para a comunidade regional, além de contribuir por meio da pesquisa e documentação para o acesso aos bens culturais identificados e o debate sobre o significado da cultura e as formas de apropriação da arte. Acredita-se que socializar o Acervo Artístico Cultural da Unesc é pensar nas possíveis conexões com outras áreas, na política de acervo, na relação social entre homem e objeto, no acesso à cultura e no processo de democratização tornando-o conhecido e usufruído.

Fonte Financiadora

Fundo de Apoio à Manutenção e ao
Desenvolvimento da Educação Superior
(FUMDES)

UNESC/PROPEX/Setor Arte e Cultura

Oral - Extensão**Humanidades - Artes****ESPAÇO CULTURAL UNESC “TOQUE DE ARTE”: CONTRIBUINDO NA AMPLIAÇÃO DA FORMAÇÃO CULTURAL E INSERÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE REGIONAL**

REDDIG., A. B., RAUPP, F. S., SILVA, J. C.

*abr@unesc.net, franquillin.pp@gmail.com, julia.cravasilva@hotmail.com***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: setor arte e cultura*Palavras-chave: Exposições, Arte, Cultura***Introdução**

O Projeto Espaço Cultural Unesc “Toque de Arte”: Contribuindo para a ampliação do repertório e desenvolvimento Artístico Cultural da comunidade, foi aprovado no edital 061/2012 – FUMDES: Programa de Bolsas de Extensão do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior-FUMDES, e tem proporcionado vivência de diferentes produções/manifestações artístico-culturais, com ênfase nas exposições de arte e nas mediações favorecendo a fruição, o senso crítico, ampliando a formação cultural da comunidade regional. Este projeto possibilita à comunidade, diferentes formas de percepção do mundo; seja pela música, dança, teatro, pintura, desenho, escultura, dentre outras expressões artístico-culturais – propiciando que o indivíduo seja um agente conhecedor e preservador da sua/nossa identidade cultural. Acreditamos que por meio da extensão a universidade tem a oportunidade de levar para as comunidades conhecimentos aqui produzidos, realizando trocas de saberes e parcerias possíveis de entrelaçamento dos saberes científicos, populares, estéticos e poéticos.

Metodologia

Anualmente o Setor Arte e Cultura, lança o Edital de Exposições Temporárias onde os artistas interessados em expor inscrevem seus projetos expositivos. Estes projetos são avaliados por comissão especializada e designada pela coordenação do setor. Após esta etapa, é realizada a divulgação dos projetos selecionados e elaborado o calendário de exposições do Espaço Cultural Unesc “Toque de Arte”. São promovidas 6 (seis) mostras durante o ano, e nas aberturas, são realizadas apresentações culturais, sempre às terças-feiras, às 20h30 no hall do bloco administrativo. Os artistas selecionados ganham apoio na elaboração dos convites, divulgação, montagem da exposição e hospedagem. Ao público externo o contato é feito

via mídias eletrônicas e convites impressos visando divulgação e o agendamento para visitas mediadas.

Resultados e Discussão

Desde o início do projeto Espaço Cultural Unesc em agosto de 2000 (dois mil) já foram realizadas 105 (cento e cinco) mostras de arte de artistas locais, nacionais e estrangeiros atingindo em média dois mil visitantes em cada exposição. A cada novo trabalho apresentado, os professores da rede pública e particular de ensino visitam o campus trazendo seus alunos para o contato direto com o espaço, as obras e artistas. Nesses momentos são propostos trabalhos de mediação, que são realizados pelos bolsistas do projeto, auxiliando as visitas de acadêmicos, escolas, visitantes funcionários. No final são realizados pelos bolsistas do projeto o registro das atividades para relatórios do projeto, fotos e escritas acadêmicas. Na intenção de possibilitar maior entendimento da proposta do artista, apreciação estética da exposição e ampliação do repertório cultural.

Conclusão

A cada exposição realizada, conforme o edital, uma obra é doada para o Acervo Artístico-Cultural da Unesc, que até o momento conta com 119 (cento e nove) peças. Deste modo expandimos o contato com a arte no ambiente acadêmico. Com o desenvolvimento deste projeto cultural estreitamos laços com a comunidade, cumprindo com nossa missão de “educar, por meio de ensino, pesquisa e extensão, para promover a qualidade e a sustentabilidade do ambiente de vida”.

Referências Bibliográficas

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. Contribuição para a discussão sobre a Universidade e a cultura. In: <http://www.fafcs.ufu.br/Culturas.htm>. Acesso em ago.2012.

REDDIG, Amalhene Baesso; YUNES, Virgínia Maria. A Universidade como espaço de formação cultural. Anais da ANPED Sul. Itajaí. Santa Catarina, 2008.

Fonte Financiadora

Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES) Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão (PROPEX)

Setor Arte e Cultura - Unesc

Oral - Relato de Experiência**Humanidades - Artes****PESQUISA EM GRAVURA - A MEMÓRIA DA ESCOLA****NEUMAIER, A.***ann@unesc.net***Instituição: UNES - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: -*Palavras-chave: memória, escola, linguagens artísticas.***Introdução**

O Curso de Artes Visuais – Licenciatura tem como formar profissionais para o ensino, fomentando a produção, a pesquisa e a crítica em Artes Visuais. As disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa trazem as linguagens da gravura como xilogravura (gravura em madeira), a cologravura (realização da matriz a ser impressa através da colagem de diversos materiais) e a gravura permeográfica denominada por Serigrafia. Os objetivos principais desta proposta são valorizar a memória, as experiências da vida escolar, conhecer as experiências e as linguagens artísticas conhecidas dos acadêmicos na sua formação escolar, incentivar as práticas narrativas para que os educandos possam através de suas memórias escolares reelaborarem suas futuras práticas educativas.

Metodologia

O questionamento levantado por estas disciplinas coloca-se como o contato e a pesquisa com estas técnicas pouco conhecidas pelos acadêmicos. Na disciplina de Serigrafia e Pesquisa no segundo semestre de 2013 e na disciplina de Gravura e Pesquisa no primeiro semestre de 2014 foi colocada a proposta aos acadêmicos de realizarem uma pesquisa em suas escolas de formação através de um questionário e através da realização de uma serigrafia e uma cologravura realizadas a partir de uma fotografia da escola ou das memórias de sua escola. O questionário foi realizado a partir de quatro questões, a seguir: - Realizar um texto sobre sua escola: nome da escola, cidade, em que ano cursou a escola; - Como obteve a foto? – Que memórias você traz do ensino da arte? – Em quais linguagens o ensino da arte era desenvolvido – Comente sobre as memórias que você possui de sua escola.- A avaliação final desta atividade acontecerá através de uma exposição (mediada pelo aluno) com as serigrafias e gravuras criadas a partir das memórias recriadas em objetos de arte. Posteriormente as imagens trazidas pelos acadêmicos são transformadas em gravuras (

cologravuras) e serigrafias que irão onde uma cópia de cada gravura irá permanecer no acervo do Ateliê de Gravura e Serigrafia do Curso de Artes Visuais da UNESC.

Resultados e Discussão

Os trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos na disciplina resultaram em um acervo de serigrafias e cologravuras. A gravura pressupõe a realização de várias cópias sendo que uma cópia de cada gravura criada pelos acadêmicos permanece no acervo do Ateliê de Gravura e Serigrafia do Curso de Artes Visuais, para uma futura exposição. De acordo com Catani (2006), “estudos acerca da memória e história da profissão docente também passaram a incluir, dados da história dos sujeitos-professores e suas experiências de formação e de trabalho. A reconstrução dessas histórias de vida se faz por meio de entrevistas, depoimentos ou narrativas autobiográficas escritas.” Sendo assim através das memórias relatadas pelos acadêmicos do ensino da arte em suas escolas, puderam criar gravuras e serigrafias trazendo as imagens e memórias vividas em sua formação.

Conclusão

Através das discussões e narrativas descritas pelos acadêmicos pode-se concluir que a partir da reelaboração de suas próprias memórias do ensino da arte nas escolas, os acadêmicos avaliam e concluem que as linguagens da gravura (xilogravura, cologravura, isogravura) e a serigrafia não são exploradas no ensino da arte, onde são privilegiadas as linguagens do desenho e da pintura. De acordo com Catani (2006), “o que se propõe é a reelaboração de registros de memória e a construção de narrativas autobiográficas nas quais as pessoas retomam os fios condutores de suas experiências para tecerem considerações acerca de si mesmas e dos seus modos de ensinar e aprender.” Concluímos assim, a importância da pesquisa em arte nas disciplinas ofertadas no Curso de Artes Visuais – Licenciatura, pois através da reelaboração de suas memórias do ensino da arte nas escolas os acadêmicos como futuros

docentes podem reelaborar suas práticas a partir de suas próprias experiências de vida.

Referências Bibliográficas

CATAFAL, Jordi; OLIVA, Clara. A gravura. Lisboa: Estampa, 2003.

CATANI, Denise. B. A reconstrução da prática educativa a partir da narrativa autobiográfica do professor. Instituto Arte na Escola. – São Paulo. Cultura Acadêmica. 2006.

Oral - Extensão**Humanidades - Artes****OLHARES DAS CRIANÇAS SOBRE A CIDADE EM DIÁLOGO COM O MOSAICO NO PARQUE DAS NAÇÕES****GONÇALVES, L. M., SILVA, S. M.***lauramayg@hotmail.com, profsila@yahoo.com.br***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: GEDEST***Palavras-chave: Mosaico, Cidade***Introdução**

O presente texto evidencia o resultado de uma pesquisa aprovada pelo edital n.º 62/2012 FUMDES/UNESC. Seu fio condutor são os olhares das crianças sobre a cidade em diálogo com o Mosaico no Parque das Nações. O Mosaico partiu da elaboração de ícones da cultura regional para a aplicação em bancos e painéis em um espaço chamado Parque das Nações – Criciúma – SC. A partir do problema de pesquisa: o que a cidade oferece enquanto patrimônio cultural a seus habitantes e ou visitantes e em particular como as crianças se relacionam com ela (a cidade) a partir da elaboração dos ícones para o mosaico no Parque das Nações – Criciúma SC? O diálogo se estendeu, com as concepções teóricas sobre infância, cidade, cultura, identidade e educação estética. As teorias são óculos com que vemos o mundo, nessa proposta os óculos tiveram o nome de Georges Didi-Huberman (1998), Jorge Coli (2004), Stuart Halls (2005), Tomaz Tadeu da Silva (2000), Roque Laraia (2006) e Otilia Arns (1985).

Metodologia

Com uma abordagem metodológica qualitativa, buscamos um olhar sobre a infância como categoria social ampliando a relação criança e cidade. Não apenas o Parque foi o espaço de narrativa, mas a escola, o ônibus no ir e vir com as crianças, os momentos dos desenhos, dos mosaicos, momentos em que as falas das crianças se evidenciavam. Espaços de Narrativa “são espaços de criação de sentidos, espaços de troca e produção de conhecimento, cujas bases alicerçam-se sobre a utilização imprevista, a espontaneidade, a imaginação criativa” (LEITE, 2006, p.2).

Foram definidas três escolas por aproximação geográfica com a Universidade e a partir do contato com a equipe diretiva e os professores foram realizadas visitas no Parque das Nações e posteriormente as oficinas com as crianças. As ações foram fotografadas. Foram coletadas falas das crianças – de forma escrita/caderno de campo - e tanto as falas quanto as fotografias foram analisadas. Chegávamos no Parque das nações anotando falas do tipo: “tudo era verdade”, foi quando as crianças avistaram o primeiro banco. Correram, tocaram e reconheceram os ícones.

Resultados e Discussão

Para Tonucci “[...] aquelas crianças sentir-se-ão orgulhosamente cidadãs e terão uma enorme vontade de tornar-se adultos para continuar a defender e a melhorar a sua cidade.” (2005, p. 19). Pela necessidade de reflexão sobre a cidade que temos e a cidade que queremos, tomou-se o sujeito-criança como protagonista desta história.

Conclusão

No convívio com as crianças percebemos o quanto são curiosas e criativas. Uma das crianças (6 anos) traz em seu desenho “um castelo”, e nos conta que neste castelo mora um rei muito rico que tem uma bolsa de ouro, que vai ajudar as pessoas pobres. Entendemos, cada vez mais, a necessidade de ouvir as crianças, precisamos dar voz a elas para que não se perca o sonho, o desejo e o acreditar que podemos fazer mais e melhor.

Referências Bibliográficas

ARNS, Otilia. Criciúma 1880-1980:

Oral - Relato de Experiência**Humanidades - Artes****ARTE E AGENCIAMENTO CULTURAL: DISCIPLINA PROPÕE EXPERIÊNCIAS EXPOSITIVAS COM ARTISTAS VISUAIS EM FORMAÇÃO****REDDIG., A. B.***abr@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: gedest*Palavras-chave: Exposição de arte; Artistas em formação; Curadoria.***Introdução**

O Curso Superior de Artes Visuais (Bacharelado) UNESC tem por objetivo formar profissionais habilitados para a produção, a pesquisa e a crítica das Artes Visuais. Uma das disciplinas da matriz curricular é Arte e Agenciamento Cultural, implantada a partir de 2012, com quatro créditos, desenvolvida na sexta fase com a seguinte ementa: Análise do meio cultural da cidade, do estado e do país. Os espaços expositivos disponíveis e seus projetos. O mercado de arte. Organização de exposições. Curadoria. Marketing Pessoal.

Metodologia

Apresentamos parte do processo vivenciado nos anos de 2012, 2013 e 2014 por acadêmicos matriculados na disciplina e pela professora a partir do objetivo central: Ampliar o entendimento crítico da arte, do meio cultural e do mercado de arte reconhecendo espaços expositivos e suas políticas culturais. Ao propor estudos sobre planejamento de exposições entendemos que “as exposições, se forem feitas com atenção e imaginação, podem inspirar, surpreender e educar.” (MUSEOLOGIA, 2001, p. 17). E esse passou a ser nosso propósito. Ao elaborar um projeto expositivo torna-se necessário muito planejamento e podemos iniciar fazendo um diagnóstico sobre os equipamentos culturais disponíveis, o público, a curadoria, o objetivo, os participantes, as obras, os suportes e, em especial a disponibilidade orçamentária. Vale ressaltar que pensamos o processo a partir dos estudos de Cury (2003, p. 367) “A exposição, entendida como um cenário, é o meio ambiente criado e que facilita ou limita a relação do homem com a cultura material [...]”. Pensando em comunicar a produção artística de acadêmicos em exposições coletivas, na disciplina de Arte e Agenciamento Cultural (6ª fase) de Artes Visuais propomos pensar, escrever e colocar em prática projetos expositivos a partir dos aportes teóricos trabalhados.

Resultados e Discussão

Nesse exercício elegemos pintura, fotografia, desenho, arte digital e escultura na perspectiva da arte contemporânea para compor os espaços expositivos. Os trabalhos trouxeram excelentes resultados. Em 2012 realizamos a exposição na Galeria de Arte da FCC com o título “E nós, quem somos” com 26 expositores; em 2013 na Galeria de Arte Octávia Gaidzinski denominada “City Art” com 23 expositores e em 2014 na Unesc, no Espaço do Olhar com o título “Somos” e a participação de 20 universitários.

Conclusão

O que mais impressionou nestas experiências foi o trabalho em equipe para o desenvolvimento dos projetos, a resistência inicial seguida do despertar particular para o trabalho coletivo e a qualidade das produções artísticas. Em cada uma das experiências expositivas trabalhadas foi possível perceber o quanto esse tipo de exercício prático precisa ser feito. Produzir e expor, passa pela ideia de “se expor” e envolve inclusive os visitantes. O fato de receber a mídia local e grande público na abertura das exposições além de comercializar muitas produções deixou os universitários – artistas em formação - perplexos. Concluímos com essa experiência que não necessariamente uma exposição precisa ser apresentada num equipamento cultural renomado, que o trabalho de planejamento e curadoria é super importante, que há grandes possibilidades de ajudar os acadêmicos a redescobrirem seus potenciais, melhorar a autoestima além de provocar para a necessidade de pensar no curriculum artístico, registrar mais e melhor suas produções e aprender a apresentá-las ao público na perspectiva de maior visibilidade e também de comercialização.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Regina Célia. Como elaborar projetos culturais. 3. ed. Maceió: IDEÁRIO, 2010.

CANTON, Katia. Espaço e lugar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 17 p.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. Annablume ed. São Paulo, 2005.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Universidade/Fapesp, 2004.

LEITE, Maria Isabel. Museus de Arte: espaço de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas, SP: Papyrus, 2005. p. 19 - 54.

TEIXEIRA COELHO. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: FAPESP/Illuminuras, 1997.141 p.

Fonte Financiadora

Unesc – Artes Visuais/Bacharelado